RENNER
corsan
Be8
RANDONCORP
Construindo o amanhã

RETOMA RS

ZERO HORA, PORTO ALEGRE, 31 DE JULHO DE 2024 – Nº 1

A hora e a vez de ser **protagonista**

Norteadas pelo ESG, empresas reveem práticas e incentivam colaboradores ao compromisso social I 4 e 5

JONATHAN HECKLER

Vanessa Moreno, especialista de marketing, e Ana Carolina Betiati, designer, participaram de feira de profissões promovida pelo Instituto Lojas Renner

MATEUS BRUXEL

Coordenadora de RH na Corsan/Aegea, Andressa Lindol atuou em abrigos e na limpeza de casas afetadas pela enchente na Região Metropolitana

BE8, DIVULGAÇÃO

Em Passo Fundo, a analista de sustentabilidade da Be8, Camila Sereno, comandou uma frente de logística para as doações aos desabrigados

NEIMAR DE CESERO

Com extensa experiência em trabalho social, Viviana Geremia aderiu ao programa Ser Voluntário ao se tornar analista financeira da Randoncorp

Como e quando surgiu o conceito de ESG e por que ele é tão importante I 3

Tragédia climática pode ser oportunidade de virada no RS, aponta especialista I 6 e 7

ZERO HORA,
QUARTA-FEIRA,
31 DE JULHO DE 2024

Editorial

A reconstrução do Estado, a agenda ESG e o futuro do RS

A catástrofe climática exige que a recuperação seja construída sob novas bases.

Práticas ambientais, sociais e de governança reconhecidas no mundo todo podem contribuir frente ao desafio.

Esse é o objetivo do projeto que ZH inicia hoje.

Em algumas décadas, vamos imaginar um século à frente, os gaúchos terão a possibilidade de olhar para a tragédia climática de maio de 2024 como um evento inaugural não previsto de um novo tempo já pressentido, mas adiado até então. Isso porque a enchente colocou os gaúchos de hoje diante de uma encruzilhada incontornável. Tudo o que fizermos daqui para a frente em resposta a essa calamidade será alvo de escrutínio pelas gerações futuras.

Esses gaúchos do amanhã olharão os registros históricos da cheia com um misto de incredulidade e assombro. Muitos terão histórias de família sobre a inundação, contadas de pais para filhos. Todos saberão do custo desse desastre ao RS.

Ao arrasar cidades, destruir pontes e estradas, matar quase duas centenas de pessoas e deixar cerca de 80 mil desabrigados, a catástrofe colocou o Brasil em um novo patamar de eventos climáticos extremos.

Esses mesmos gaúchos do amanhã também vão querer saber o que seus antepassados fizeram para evitar a repetição de cenas tão tristes. Para além de reconstruir, será necessário converter essa experiência em uma mudança de paradigma. Se até agora esse novo tempo do qual falamos aqui era visto como questão secundária, tratada apenas com ações compensatórias, daqui para a frente terá de ser central na agenda pública.

É com essa convicção que o Grupo RBS lança hoje este caderno especial encartado em Zero Hora. É a largada de um projeto que será executado nos próximos meses com o objetivo de provocar, a partir de experiências do mundo corporativo, o debate nas empresas, na administração estatal, nas universidades, nas escolas e na sociedade civil a respeito do futuro do Estado. E isso será feito por meio de uma perspectiva inovadora e conectada a esse novo tempo: a agenda ESG.

Conceito

Para quem desconhece essa sigla, é uma abreviação vinda do inglês para a expressão *Environmental, Social and Governance*. Trata-se de um conceito que abarca a elaboração e a aplicação de padrões de excelência nas companhias privadas em termos ambientais, sociais e de governança corporativa. Essa agenda vem sendo desenvolvida nas últimas duas décadas e se provou o caminho mais alinhado a um futuro de economia verde e de transição energética.

E por que a opção pelo viés da agenda ESG? Porque acreditamos que não bastará reconstruir o Estado. Será preciso reerguê-lo sobre novas bases, resilientes, responsáveis e responsivas. E só faremos isso se olharmos para além do que fizemos até hoje. A retomada poderá contar com todos os avanços já conquistados pela aplicação dos três eixos da agenda ESG no universo corporativo, traduzidos em práticas ambientais, sociais e de governança reconhecidas no mundo inteiro.

Para levar esse projeto adiante, contamos com uma parceria inédita. Lojas Renner, Aegea, Be8 e Randoncorp aceitaram participar dessa iniciativa produzida pela nossa Redação Integrada. Essas empresas estarão ao nosso lado na publicação de 12 cadernos especiais. Nesse percurso, esperamos começar a lançar luzes sobre os desafios à frente e, principalmente, apontar soluções possíveis. Tudo para que as gerações futuras possam olhar com orgulho para os gaúchos que atravessaram a tragédia de maio de 2024. ▬

PAM UNITED CREATORS

Todos unidos pelo RS.

Nós, da Lojas Renner S.A., seguimos mobilizados pela recuperação do nosso Estado.

Através de parcerias, apoiamos a reconstrução do Rio Grande com muita união e solidariedade, cuidando, todos os dias, para que estes esforços conjuntos continuem gerando resultados positivos para os gaúchos.

Veja como estamos contribuindo.

LOJAS RENNER S.A.

RENNER CAMICADO youcom realize ASHUA repassa

O que é ESG?

Ações visam a efeito positivo na sociedade

Discussão ganhou força em 2004 por meio de documento publicado pela ONU, instituições financeiras e CEOs de grandes companhias.

Conceito ajuda empresas a adotarem práticas efetivas que sejam reconhecidas pelo mercado.

Práticas comprometidas com o bem comum são uma crescente na sociedade, e nos ambientes corporativos têm ganhado ainda mais importância à medida que aumentam as exigências dos consumidores.

Os compromissos firmados, no entanto, não se restringem ao consumo e envolvem também a gestão dessas companhias privadas e o que elas devolvem para a sociedade.

Essas ações integram uma sigla cada vez mais presente dentro e fora das empresas: ESG. A abreviação, do inglês *Environmental, Social and Governance*, expressa a busca de padrões de excelência em termos ambientais, sociais e de governança corporativa.

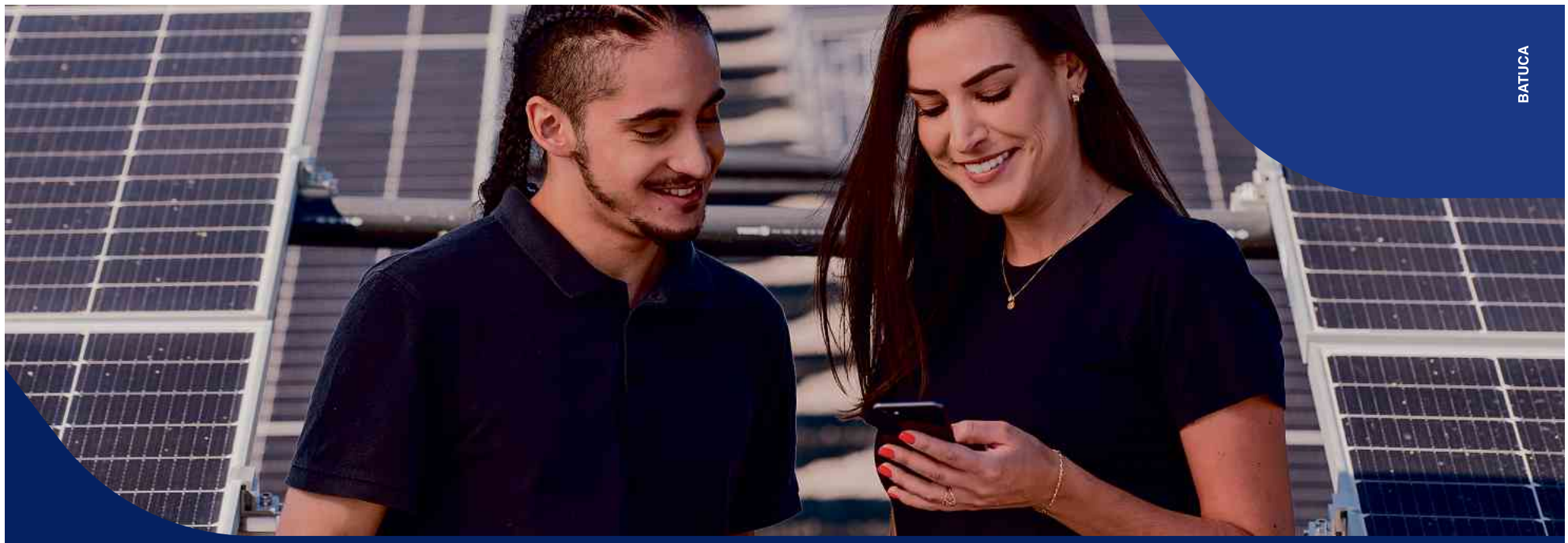
Como surgiu o termo

Em 2004, a ONU, instituições financeiras e CEOs de grandes companhias publicaram um documento que tinha como proposta conectar o mercado financeiro a um mundo de mudanças. Havia necessidade, naquele momento, de se criar diretrizes que orientassem novas práticas de mercado. A partir deste marco, a discussão veio para encorpar o que é o ESG hoje, contextualiza Moema Nunes, coordenadora do MBA em ESG e Gestão Corporativa da Universidade Feevale.

Ao unir aspectos ambientais, sociais e de governança, a sigla ajuda as empresas a promoverem ações efetivas que sejam reconhecidas pelo mercado.

– É bem mais do que ser apenas sustentável. Hoje, uma empresa não consegue mais esconder do mercado o que ela faz. Seja pelo site dela, seja pelo que o próprio colaborador da empresa posta em suas redes sociais – explica Moema.

E	S	G
ENVIRONMENTAL Diz respeito à redução de impactos nocivos ao ambiente, como gestão de resíduos, eficiência energética e minimização da poluição.	**SOCIAL** Mais ligado ao aspecto humano, envolve compromissos de diversidade e inclusão nas equipes, além de respeito a direitos humanos.	**GOVERNANCE** Voltado à conduta corporativa, abrange ações ligadas a transparência, ética e cumprimento de legislações pelas empresas.



Construindo o amanhã
com sustentabilidade

Somos uma multinacional brasileira com presença global, que desenvolve soluções inovadoras para facilitar a vida das pessoas há mais de 75 anos. Desde o início, ESG sempre foi uma das nossas prioridades, e acreditamos que o crescimento sustentável é a melhor maneira de construir um amanhã responsável para os nossos negócios e para o futuro da mobilidade.

RANDONCORP
Construindo **o amanhã**

Ambiental e social

Organizações atualizam valores, tomam a frente e fazem a diferença

Por meio de projetos de voluntariado, que chegam a ocupar parte da jornada dos colaboradores, organizações assumem uma presença cada vez mais forte na sociedade.

No Rio Grande do Sul, participação da iniciativa privada foi fundamental durante a fase mais crítica da enchente de maio.

EDUARDO LIRA, KATHEKA, DIVULGAÇÃO, BD, 25/07/2023

Feira de profissões promovida pelo Instituto Lojas Renner: colaboradores da varejista conseguem auxiliar jovens de diferentes realidades a definir caminhos

Se uma andorinha só não faz verão, uma revoada delas pode muito mais. E tem sido na força coletiva, em especial do voluntariado, que muitas ações de recuperação do Rio Grande do Sul estão sendo possíveis. Pela dimensão sem precedentes, a enchente de maio colocou à prova a capacidade de o poder público abraçar todas as demandas emergenciais e de reconstruir sozinho o Estado, tornando o chamamento da iniciativa privada ainda mais necessário neste processo. Algo que só é possível quando o ESG está no radar das companhias.

Ainda que a abrangência dessas práticas sustentáveis seja ampla, as vertentes nelas englobadas buscam contemplar temas cada vez mais atuais de um mundo em transformação. No Estado, a sequência de eventos climáticos extremos registrados desde o ano passado colocou ainda mais urgência sobre elas, em especial nas duas letras que mais trazem efeitos visíveis, o E, de environmental (ambiental), e o S, de social.

No plano ambiental, assunto cada dia mais presente diante das mudanças climáticas, as ações se concentram em encontrar um ponto de equilíbrio na relação entre as pessoas e o planeta, por uma interação que seja sustentável a longo prazo. Isso se reflete na gestão de riscos ambientais, financeiros, operacionais e mesmo de reputação das empresas. Indiretamente, é uma pauta que movimenta a inovação, à medida que busca poluir menos, controlar o que se emite e reduzir a quantidade de resíduos.

No "S" da sigla, que compete ao desenvolvimento social, os grandes tópicos são as questões de inclusão e igualdade, como assegurar condições de trabalho para pessoas com deficiência e de diferentes gêneros e perfis. Não se trata, porém, de somente dar espaço a essas pessoas nas vagas das companhias, mas de permitir que elas possam crescer nas suas posições, com condição de assumir postos de liderança. Além disso, o pilar trata de devolver ações que tenham impacto no todo, como o voluntariado.

Nesse quesito, empresas de todo porte vêm tomando a frente em iniciativas que podem somar ao outro. Núcleos de trabalho voluntário estão cada vez mais consolidados nas organizações, ocupando, inclusive, horas de jornada dos colaboradores.

> "Mesmo que seja só financeiro, já é ajudar. Tudo é **importante**."
>
> **Tatiana de Barros**
> *Presidente do movimento União BR*

MATEUS BRUXEL

Corsan/Aegea começou apoiando os próprios funcionários e depois passou a ajudar na limpeza e na reconstrução de bairros atingidos na Região Metropolitana

MICHEL SANDERI, DIVULGAÇÃO

Mesmo distante geograficamente do epicentro da crise, a Be8 teve participação decisiva na logística da distribuição de doações que chegavam ao Estado

NEIMAR DE CESERO

Por meio do programa Ser Voluntário, Randoncorp consegue engajar funcionários em iniciativas de cunho social, que vêm encontrando adesão cada vez maior

Propósito que inspira e orgulha

O olhar de futuro é o que norteia as iniciativas executadas pelo Instituto Lojas Renner, pilar social da varejista criado em 2008. Dentre as ações, uma feira de profissões com o intuito de apresentar possibilidades de carreira aos jovens é um dos destaques. Em uma dessas feiras, a oportunidade de motivar alguém pela troca de experiências foi o que mais marcou a designer Ana Carolina Betiati, 30 anos. Acostumada a voluntariar "desde sempre", ela diz que a ocasião despertou nela outro tipo de sensação: a de inspirar um caminho.

– Fui com uma expectativa de apresentar uma profissão tradicional, mas os jovens têm realidades muito diferentes. Eles estavam interessados na possibilidade de sonhar, não só com a profissão em si. Fico até hoje pensando no potencial de uma escuta ativa e do conselho para não desistir. Quando vejo o recurso que tenho hoje, penso que preciso retribuir para que alguém tenha também no seu momento. Quero fazer com que essa chance chegue em outras pessoas – diz a designer.

Colega de experiência e de empresa, a especialista de marketing da Renner Vanessa Moreno, 38 anos, diz que sentiu a força da inspiração no contato com os jovens ao dividir seus mais de 15 anos na área. Para a profissional, fazer parte de uma empresa que tem propósitos sociais alinhados é motivador e gera orgulho.

– Para mim, foi uma tarde, mas para outros 50 pode ter sido uma chance de futuro. Poder contribuir tem um efeito muito grande no outro e na gente – reflete Vanessa.

Solidariedade no dia a dia

Inspirada há quase 20 anos pelo voluntariado, a analista financeira Viviana Geremia, 32 anos, já atuou da recreação hospitalar à causa animal e recuperação de escolas. Mas foi quando ingressou na Randoncorp, em 2018, que o trabalho a deixou mais próxima do programa Ser Voluntário da companhia. Os anos de envolvimento no trabalho social lhe fazem perceber que a pauta está cada vez mais atrelada ao dia a dia.

– A disponibilidade e a solidariedade estão muito mais presentes. Às vezes, colocamos chamados de última hora em grupos e em minutos já preenchemos a lista. Só quem faz a ação para entender o efeito de inspirar outras pessoas e de deixar uma marca. É uma sensação de coração quentinho com o brilho no olhar do outro – descreve Viviana.

Presidente do movimento União BR, que ganhou ainda mais holofote com a ajuda aos gaúchos, Tatiana Monteiro de Barros observa que as empresas com ações sociais já estruturadas nos seus DNAs se articulam com maior desenvoltura "no olho do furacão", mas que nos casos extremos, como foi a enchente, toda iniciativa importa.

– Faz toda diferença o envolvimento dos funcionários nas ações. E quando ele entende o impacto que causa, complementa muito com o seu olhar. Essa construção e mobilização é o que faz a empresa carregar a sigla do ESG com força – diz Tatiana.

Desde o ano passado, o União BR atua no Estado fornecendo todo tipo de apoio e conectando empresas que querem ajudar a quem precisa. São 40 ONGs que recebem suporte, de abastecimento de mantimentos a outras frentes, como construção de centros humanitários, reconstrução de escolas e apoio médico.

Dos funcionários aos bairros

A enchente foi um ponto de virada para muitas empresas. Coordenadora de RH na Corsan/Aegea, Andressa Lindol, 35 anos, conta que o trabalho durante a cheia foi ganhando corpo à medida que se entendia o tamanho do problema. Na Região Metropolitana, onde municípios chegaram a ter dois terços de seus territórios tomados pela água, o apoio começou focado nos funcionários e depois foi ampliado. A profissional ajudou na gestão de abrigos e na limpeza de casas.

– Sempre fui voluntária, mas nada com essa dimensão. Trabalhar com saneamento tem a ver com a dignidade das pessoas. E ver as pessoas nessa situação, chorando em cima de seus entulhos, me fez deparar com o compromisso de querer devolver essa dignidade. Me mudou para sempre – relata Andressa.

Ajuda durante o expediente

Distante geograficamente do pico das cheias, mas em ponto estratégico para o escoamento da ajuda humanitária, a analista de sustentabilidade da Be8, Camila Biolchi Sereno, 31 anos, comandou de Passo Fundo, na Região Norte, uma das frentes de logística para as doações de mantimentos que chegavam ao Estado. Em parceria com a Defesa Civil, foi constituída uma comissão de crise na empresa para pensar estrategicamente as iniciativas.

– Estávamos todos em um momento muito sensível, me arrepio só de contar. Tanto no nosso voluntariado interno quanto na ocasião da enchente, somos pessoas engajadas com esses valores. Ajudamos em horário de trabalho porque a empresa vê como algo importante. Espero que não tenhamos que atuar só em emergências, e que o compromisso das pessoas com as comunidades seja permanente – afirma Camila.

Dentro e fora do setor empresarial, a percepção é de que a pauta social está crescendo. Para Tatiana, do movimento União BR, as corporações estão compreendendo o quanto são capazes de impactar a sociedade.

– O voluntariado em si ainda falta chegar em muitas pessoas, nas duas esferas. É difícil todos serem voluntários, mas se todo mundo fizer um pouco, mesmo que seja só financeiro, já é ajudar de alguma maneira. Tudo é importante – diz.

Entrevista

“Não é um valor da boca para fora, mas um valor de verdade

KAMILA DOS SANTOS, DIVULGAÇÃO

Doutora em Sustentabilidade, Andrea Pampanelli diz que o Rio Grande do Sul ainda precisa amadurecer a visão em relação ao ESG e que a tragédia climática de maio pode ser uma oportunidade para avançar.

Apesar da relevância do Brasil na agenda ESG, o Rio Grande do Sul ainda está um passo atrás na mensuração que demonstra o engajamento com a cultura da sigla, segundo Andrea Pampanelli, doutora em Sustentabilidade e Engenharia, conselheira de Administração e consultora ESG pela The Green Factory e referência no tema.

A catástrofe climática de maio, porém, pode ser um ponto de virada, na avaliação dela.

O Brasil parte de um protagonismo em ESG. Como avançar nesta pauta?

Penso que é o Brasil entender o quão protagonista ele é nesta agenda. Somos o país que tem a maior reserva natural do mundo, que é responsável por uma série de recursos e ainda hesitamos quanto a isso. Os anos 2000 foram marcados por uma mudança: um novo ciclo do pensamento econômico, onde se coloca em xeque a posição, tanto de direita quanto de esquerda, de que a natureza é fornecedora infinita de recursos. Todos os novos modelos econômicos são baseados nisso. O Brasil é o centro desse novo modelo, da economia de baixo carbono. Cruzar a fronteira significa entender isso, tornar-se protagonista quanto a isso. A enchente que vivemos agora, por exemplo, é um grande problema, mas pode ser uma oportunidade. Se entendermos que, sim, houve toda a tristeza, os problemas e as mazelas, mas que podemos tornar o nosso Estado resiliente ao clima e transformar os modelos econômicos a serem mais capazes de dar conta, estaremos em uma vantagem competitiva incrível em relação ao restante do Brasil e do mundo. Se conseguirmos trazer ciência, tecnologia, engenharia e pensamento sistêmico para transformar um problema em oportunidade, podemos ter um celeiro muito fértil pela frente.

Quais seriam os próximos passos?

Enquanto Brasil, podemos ter políticas de governo mais claras em relação a isso. Tem um trabalho muito forte da iniciativa privada, mas ainda existe uma timidez em se colocar como protagonista, enquanto país. O ESG é o ambiental, o social e o econômico. Enquanto não

entendermos que a pobreza é um tema material significativo, vamos ter dificuldade em ter este olhar sistêmico. O protagonismo do país passa por aí. Nas empresas, é entender como isso afeta. O que daqui eu enxergo como problema? E de que forma eu posso transformá-lo em oportunidade? Onde eu estou localizado pode ser impactado pelas questões climáticas? O que eu posso fazer a partir daqui? Eu posso me beneficiar desta nova economia? Entendo que passa por aí.

E como está o Rio Grande do Sul na cultura do ESG? Em que áreas precisa evoluir?

O RS sempre foi um Estado muito forte na questão ambiental. O nosso organismo de controle ambiental, a Fepam, é muito presente. As coisas não são feitas de qualquer jeito. Viajo muito pelo Brasil e vejo como as coisas acontecem em outros lugares. Talvez tenhamos dificuldades, os negócios às vezes veem como um entrave, mas há uma cultura feita do modo adequado. A crise climática criou uma série de mecanismos, tanto no setor público quanto em outras iniciativas. O grande desafio para o gaúcho é sair de um "ranço". Ranço que eu digo é a máxima de que a questão ambiental, ou o ESG como um todo, tem um posicionamento político por trás. E não necessariamente. Isso vem dos primórdios de um movimento que prega a questão da sustentabilidade como algo que quer frear o desenvolvimento da sociedade. O Estado precisa amadurecer quanto a isso. Podemos fazer desse limão (*crise climática*) uma limonada.

"Se entendermos que podemos tornar o nosso Estado mais resiliente ao clima e transformar os modelos econômicos, estaremos em uma vantagem competitiva incrível."

A enchente escancarou a urgência de se falar da questão ambiental. Como incorporar essa mentalidade nas empresas?

Trazendo ciência e tecnologia para isso. Por exemplo, se pensarmos num empreendimento, o que ele precisa olhar, do ponto de vista ambiental? Primeiro, onde eu estou localizado, é uma área de risco? Tenho possibilidade de tratar os meus resíduos? Essa é a pergunta estruturante. A segunda questão é: a minha estrutura enquanto negócio precisa sofrer alterações para dar conta desse "novo normal" que se colocou, de uma sociedade que está clamando por um olhar ambiental, social e de governança mais estruturado? Pode ser que não se consiga fazer tudo de primeira, mas tem de estar claro na jornada.

O S do social se tornou ainda mais presente durante a cheia, principalmente a partir das iniciativas de voluntariado. Esse episódio marca um novo momento?

A desigualdade é um tema material, ponto. O desenvolvimento de ações que minimizem isso é fundamental para qualquer um, seja no desenvolvimento de políticas públicas, seja na iniciativa privada. O que observei durante a enchente foi um olhar muito atento para o cuidado de todos que estão em volta. Todas as empresas estavam desenvolvendo ações claras para dar conta das necessidades dessas pessoas, para que pudessem se reerguer, porque as empresas são feitas de pessoas. A questão social aqui é um elo bem sensível dessa mola propulsora.

Como o ESG vai ajudar na reconstrução do RS?

Ele deveria trazer o olhar estratégico. A questão climática e as pautas que dizem respeito a temas ambientais e sociais precisam fazer parte da agenda estratégica das organizações. Não tem como ser diferente. O ESG serve exatamente para entender como encarar de forma estratégica o social, o ambiental e o econômico nas decisões assertivas nos negócios. Não é uma ação. Não são ações pontuais. São estratégias que olham os negócios como um todo e com abordagens de longo prazo. O que eu me proponho enquanto ética e bem comum? Para isso, vou precisar olhar condições e sistemas, ou seja, os riscos, a capacidade de suporte, mas também entendendo como a liderança que está no negócio vai fazer com que essas condições sejam reais, que as pessoas percebam. Não é um valor da boca para fora, mas um valor de verdade.

O ESG é uma exigência nas grandes corporações, mas, nas empresas menores, a realidade é diferente. Ainda dá tempo de começar?

Sim. O ESG é uma jornada, não é um *check the box* (*lista de ações a serem cumpridas*). Mesmo uma empresa bem pequeninha tem obrigações. Começar pelo básico pode ser trabalhar para que melhor consiga atender aos requisitos da sua licença de operação ambiental, ou trabalhar para que tenha um código de conduta que defina a regra básica do jogo, de como se farão as coisas. Se eu não consigo dar conta de toda a sociedade, pelo menos posso cuidar melhor dos meus, em termos de ética, de dar apoio para as pessoas. Se a empresa cuidar do bem básico, ela já estará trabalhando em prol do ESG.

CONTEÚDO DE MARCA //

RBS Brand Studio

Corsan incrementa plano operacional devido às mudanças climáticas

Projeção da companhia é alcançar 100% de matriz energética limpa até 2025

Momentos de estiagem, outrora de enchente. Nos últimos anos, o Rio Grande do Sul está vivendo opostos climáticos que exigem um novo olhar sobre o meio ambiente.

Um estudo do World Weather Attribution (WWA) – grupo internacional de cientistas especializados – aponta que as mudanças climáticas aumentaram em duas vezes a probabilidade de ocorrência das chuvas históricas que causaram a enchente devastadora no Estado gaúcho. Entre os fatores estão o fenômeno natural El Niño e a emissão de gases do efeito estufa liberados com a queima de combustíveis fósseis.

Estas condições adversas causaram muitos impactos. Até o momento, de acordo com o Monitor da Estiagem, coordenado pela Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura (Sema), o Rio Grande do Sul possui 391 reconhecimentos federais de situação de emergência vigentes. Já a Defesa Civil estadual informou que mais de 2,3 milhões de pessoas foram afetadas pela enchente.

Tendo em vista estas circunstâncias e o momento de reconstrução do Estado, diversas medidas estão sendo tomadas para contribuir com o reequilíbrio do ecossistema. Para isso, se faz necessário o envolvimento de vários serviços, como os de saneamento básico e energia elétrica.

Um exemplo é o da Companhia Riograndense de Saneamento (Corsan) que conta com cerca de 80% da matriz energética "limpa", ou seja, vinda de fontes renováveis. A projeção da Companhia é alcançar os 100% até janeiro do próximo ano. O vice-presidente de Operações do Grupo Aegea – controlador da Corsan –, Leandro Marin, complementa que este é um dado relevante, considerando que a energia elétrica é um dos principais insumos do saneamento básico. Todo o sistema de abastecimento de água depende de motores, bombas e automação que só funcionam por meio dela.

CORSAN, DIVULGAÇÃO

EMPRESA CONSTRUIRÁ RESERVATÓRIOS DE ÁGUA BRUTA, BARRAGENS E FARÁ PERFURAÇÃO DE POÇOS PARA DIMINUIR A DEPENDÊNCIA DE CAPTAÇÕES SUPERFICIAIS DOS RIOS

Ainda, de acordo com o executivo, é preciso ampliar esses esforços, procurando medidas que ajudem a equacionar o ecossistema de uma forma mais ampla. Na reconstrução das infraestruturas, por exemplo, é preciso repensar as estações de tratamento, que são estruturas de grande porte.

– Muitas delas foram construídas, na história da companhia, às margens de rios, o que mostra a necessidade de estudarmos a substituição pela tecnologia de poços profundos, com o objetivo de operar com maior resiliência e proteção do sistema frente a eventos adversos – comenta.

Essa tecnologia tem entre as vantagens não sofrer interferência de questões climáticas (enchentes ou secas). Além disso, a água do Aquífero Guarani oferece menos risco de contaminação, mais flexibilidade operacional e agilidade no tratamento.

Diante dos períodos de severa escassez hídrica, no começo de 2023, o Estado atravessou uma das maiores estiagens de sua história, o que também exigiu da Corsan um olhar estratégico peculiar e investimentos extra para cuidar de sua matéria-prima, a água que vem do meio ambiente.

Marin afirma que existe um planejamento bastante avançado para combater futuras estiagens e seus possíveis impactos ao sistema.

corsan

Aponte a câmera do celular para ficar por dentro das novidades da Corsan

ACESSE E SAIBA MAIS

Está incluída a construção e a ampliação de reservatórios de água bruta, barragens, perfuração de poços para que se diminua a dependência de captações superficiais dos rios que sofrem mais com a variação climática e a interligação de sistemas.

– Isso para que adutoras e estações consigam equilibrar o atendimento às cidades, possibilitando trazer água de onde há uma maior oferta hídrica para regiões que sofrem com a estiagem – diz.

De outro lado, a atenção também está voltada a um programa de prevenção de perdas, com a adoção de diferentes tecnologias para auxiliar nesta detecção. De maneira geral, mais de 40% da água captada nos municípios gaúchos não passa nos hidrômetros, o que significa que ela é produzida, mas não chega a abastecer as famílias de uma maneira regular.

Essa perda física na rede pode acontecer por fraude, por uso indevido, mas também por vazamentos ocultos, inimigo invisível da eficiência operacional. Para combater esse desperdício, a Corsan utiliza um satélite de tecnologia israelense, inicialmente projetado para pesquisar água em Marte, para mapear o subsolo e detectar onde está o vazamento, para que a companhia possa atuar com precisão e agilidade de resposta.

– Isso resulta em menor captação de água dos rios e maiores condições de sustentabilidade ao meio ambiente no Estado – ressalta Marin.

CONTEÚDO DE MARCA //

RBS Brand Studio

COM SEDE EM PASSO FUNDO, BE8 POSSUI PROPÓSITO DE LIDERAR A RENOVAÇÃO ENERGÉTICA PARA CRIAR UM FUTURO SUSTENTÁVEL

RAFAEL CZAMANSKI, DIVULGAÇÃO

ESG faz parte do DNA de empresa gaúcha

Be8

Aponte a câmera do celular para ficar por dentro das novidades da Be8

ACESSE E SAIBA MAIS

Com práticas ESG, Be8 é a maior produtora de biodiesel do Brasil

A adoção de práticas de sustentabilidade pelas empresas no Brasil teve um avanço significativo no ano passado. É o que indica o estudo "Panorama ESG 2024", elaborado pela Câmara Americana de Comércio para o Brasil (Amcham Brasil).

O levantamento aponta que 71% das empresas participantes indicaram estar no estágio inicial (45%) ou avançado (26%) de implementação de práticas ESG. Também mostra que 77% das empresas consideram crucial o apoio governamental para o desenvolvimento de tecnologias sustentáveis e 66% destacam a importância de incentivos à transição para energias renováveis, como eólica, solar e hidrogênio limpo.

Dentro destes conceitos, um exemplo é a Be8, empresa brasileira do Holding ECB Group. Atualmente, é a maior produtora de biodiesel do país, com a meta de se tornar carbono neutro até 2030.

Conforme relata o presidente da Be8, Erasmo Carlos Battistella, a empresa busca por inovação e avanços tecnológicos, reconhecendo o seu papel no contexto do desenvolvimento sustentável em suas atividades e comprometida com os temas socioambientais e de governança.

– Diminuir os impactos ambientais é um dos nossos maiores desafios. As nossas ações refletem diretamente no meio ambiente, por isso a importância de agirmos hoje. Temos como propósito liderar a renovação energética para criar um futuro sustentável, preservando as nossas origens, além de ter a sustentabilidade como um dos seus valores, entendendo a urgência e a importância da preservação do planeta – diz.

A companhia produz, por meio de oleaginosas, gorduras animais e UCO (óleo de cozinha usado), um biocombustível renovável e menos poluente, o biodiesel. Na cadeia do agronegócio industrializa, ainda, o farelo de soja e coprodutos.

Entre seus planos, a empresa está com um projeto de construção de um complexo industrial, a Be8 Ethanol, para a produção de etanol, de DDGS (Grãos Secos de Destilaria com Solúveis, em português), produção de glúten vital e de dióxido de carbono. Também almeja promover o investimento em desenvolvimento de tecnologia genética para produção de trigo específico para produção de etanol.

– Será a primeira empresa de grande porte no Rio Grande do Sul produzindo biocombustível com cereais, uma inovação sustentável importante. A unidade tem previsão de operação em 2026 e projeta um investimento de aproximadamente R$1 bilhão – comenta Battistella.

Em território nacional, a Be8 conta com um escritório em São Paulo e com unidades produtivas localizadas em Passo Fundo (RS) – onde fica a sua sede –, e em Marialva (PR). No exterior, conta com uma unidade produtiva em La Paloma del Espiritu Santo (Paraguai) e uma em Domdidier (Suíça).

Plano de descarbonização

Lançado em 2022, o Plano de Descarbonização da Be8 prevê uma série de medidas de redução e mitigação de emissões diretas e indiretas, o que contribuirá para o alcance da meta da empresa de se tornar carbono neutro até 2030. A iniciativa foi detalhada no Relatório de Sustentabilidade 2023 da empresa.

– A Trilha foi construída pela equipe de Meio Ambiente da Be8, que realizou várias entrevistas com diversas áreas da empresa para mapear os projetos e possíveis ações que contribuam para reduzir as emissões – explica Battistella.

ZERO HORA, QUARTA-FEIRA, 31 DE JULHO DE 2024

Governança

"Coração do ESG" orienta conduta e transparência das empresas

Práticas de gestão responsável são fundamentais para que o ambiental e o social da sigla virem ações concretas, dizem especialistas.

Mecanismos estão presentes na grande e na pequena organização.

DRAZEN, STOCK.ADOBE.COM

Diversidade nas equipes e gestões é preocupação cada vez maior

A governança corporativa é o conceito mais abstrato na agenda ESG, e, ao mesmo tempo, uma espécie de bússola para o funcionamento de qualquer negócio. Ainda que nem sempre associadas ao nome difícil, suas práticas estão presentes mesmo nas pequenas organizações, em atos básicos de gestão.

Na prática, as ações de governança são as regras pelas quais uma companhia é dirigida. Ou seja, são os processos que visam a uma geração de valor sustentável para a empresa, para os seus sócios e para a sociedade em geral, nesta mesma ordem.

As iniciativas podem contemplar constituição de conselhos, auditorias, sistemas de compliance (do inglês "to comply", traduzindo-se ato de cumprir obrigações) e mesmo treinamento das lideranças.

Para Dusan Schreiber, pesquisador da Universidade Feevale, os mecanismos de governança visam a blindar as companhias para que os sócios não se priorizem dentro da geração de valor – o que, em última escala, pode desencadear casos de fraude, corrupção ou irregularidades nas empresas.

A governança, portanto, é o coração da sigla, define a especialista em gestão ESG do Sistema Fecomércio-RS, Katiane Roxo. É por onde passam todas as deliberações de uma empresa. Sem uma governança corporativa afinada, nem mesmo o ambiental e o social se sustentam:

– O ESG começa pelo G. Se não houver uma governança definida, o E e o S podem acontecer de forma bem mais fraca.

Vida real

Esclarecer o conceito de governança corporativa está entre os objetivos de projeto liderado pela Fecomércio-RS, o ODS na Prática. A iniciativa criada em 2018 tenta trazer o tema para a realidade das empresas, com oficinas que mostram exemplos de como contribuir para esta agenda.

– Demonstramos por táticas de gestão como o ESG se implementa. A oficina traduz o que se pode fazer, o que é o código de ética, a conscientização ambiental, e joga luz sobre o que fazer além do que somos obrigados a fazer. Nossa capilaridade nos 497 municípios gaúchos permite expandir a abrangência do conceito – relata Katiane.

Para a especialista, o cenário é de mudança e se dá principalmente pela necessidade de as empresas se adaptarem às transformações climáticas. O empresário está se atentando de que investir em governança ou em ESG como um todo não é questão de modismo, e sim de sobrevivência dos negócios, reforça Katiane.

Muitos dos itens de governança corporativa são exigências de mercado para as empresas de capital aberto, as listadas na bolsa brasileira, a B3. No entanto, a adoção das práticas já é vista como oportunidade para as firmas que não têm essa obrigatoriedade.

– Percebo que a exigência de formalizar as práticas de ESG está concentrada nas organizações de grande porte, que estão sujeitas a auditorias periódicas sobre as suas formas de atuação. Outras companhias de capital fechado, mas também de grande porte, percebem que há vantagens em adotar as práticas. Nem sempre essas empresas denominam as práticas de ESG, mas já o são. E as de médio porte estão seguindo para este mesmo contexto – acrescenta Katiane.

OS CINCO PILARES

O pesquisador da Universidade Feevale Dusan Schreiber lembra que a governança corporativa, obrigatoriamente, deve contemplar os seguintes aspectos:

1 INTEGRIDADE
Visa consolidar que o ambiente organizacional tenha princípios éticos.

2 TRANSPARÊNCIA
É a disponibilização de informações sobre a atuação da empresa para as partes interessadas, entre elas seus próprios funcionários e as esferas públicas que recolhem seus tributos, como Estados e prefeituras.

3 EQUIDADE
Refere-se à necessidade de estabelecer relações baseadas na justiça e no respeito mútuo.

4 RESPONSABILIZAÇÃO
É o que envolve a relevância dos processos organizacionais com inteligência e independência para gerar valor sustentável à companhia, em especial a longo prazo.

5 SUSTENTABILIDADE
Constituída do econômico, social e ambiental, orquestra esforços para alcançar os objetivos da empresa, observando os pilares anteriores.

Toda aposta gera diferencial de mercado

Conforme os especialistas no tema, toda aposta em governança é investimento. Comprometimento com a transparência, por exemplo, traz diferencial de mercado a partir do momento em que os consumidores sentem confiança nas ações que são divulgadas, entre uma série de outras vantagens competitivas.

Nas empresas de capital aberto, a adoção das práticas é fundamental para que os investidores tenham segurança em adquirir os papeis da empresa. Companhias com selos de sustentabilidade se destacam globalmente.

A Renner, por exemplo, conquistou projeção mundial pelo pioneirismo em melhores práticas. Recentemente, a área de governança atualizou códigos de conduta e ampliou critérios de diversidade para o Conselho de Administração e diretoria. Em 2022, a empresa anunciou um novo ciclo de compromissos a serem atingidos até 2030.

– O foco desta nova caminhada está em três pilares: na construção de relações humanas e diversas, na implementação de soluções climáticas, circulares e regenerativas e na amplificação de conexões que busquem desenvolver a cadeia de valor, mitigando riscos e capturando oportunidades socioambientais com protagonismo no varejo global – afirma o diretor-presidente Fabio Faccio.

Outras gigantes como Gerdau, Arezzo e SLC Agrícola reforçam o time de companhias listadas na bolsa com o compromisso crescente de aplicar boas práticas. Há mais de 20 anos, o RS foi o primeiro Estado a ter uma unidade própria do Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC).

EXPEDIENTE

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Dione Kuhn, Jaime Silva, Leandro Fontoura e Rosângela Monteiro. **COORDENAÇÃO COMERCIAL:** Larissa Cavalheiro.
REPORTAGEM: Bruna Oliveira. **EDIÇÃO:** Danton Boatini e Pedro Garcia. **DIAGRAMAÇÃO:** Melina Gallo.

INFORME COMERCIAL //

RBS Brand Studio

Randoncorp: inovação sustentável para o futuro da mobilidade

Multinacional com sede em Caxias do Sul é referência em inovação para um crescimento sustentável

ACESSE E SAIBA MAIS

RANDONCORP
Construindo o amanhã

Há 75 anos, a Randoncorp vem construindo o amanhã com inovação. A multinacional brasileira é referência em soluções que facilitam a vida das pessoas por meio da mobilidade.

Sustentabilidade é uma das prioridades da Randoncorp há 75 anos. A multinacional brasileira, referência em soluções que facilitam a vida das pessoas por meio da mobilidade, vem aprimorando suas iniciativas com o objetivo de enfrentar os desafios globais.

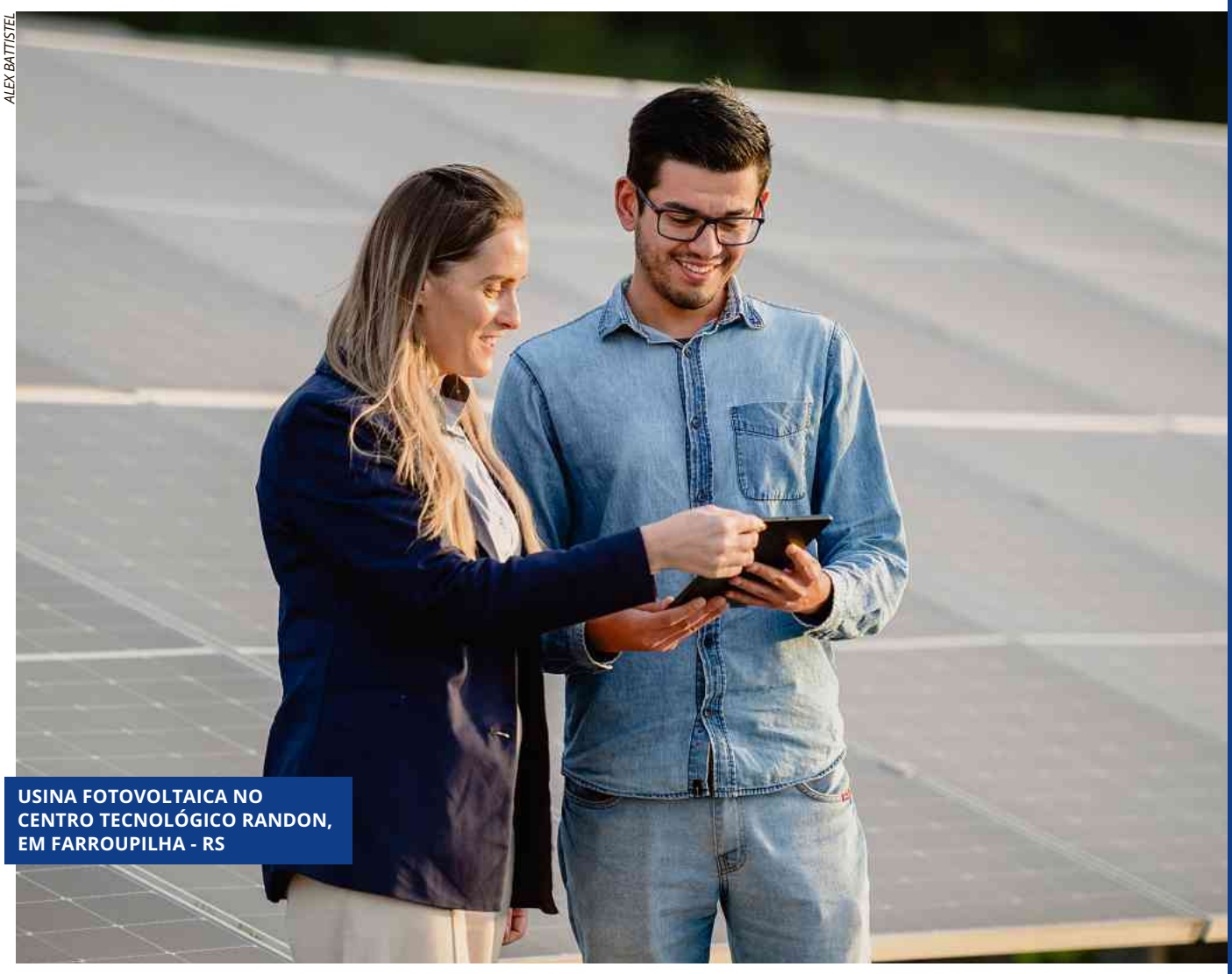
Com cinco verticais de negócios e presença em mais de 120 países, a Randoncorp tem a sua sede em Caxias do Sul e mantém a liderança na maioria dos mercados em que atua. Duas dessas frentes são focadas no segmento de autopeças, tanto para aplicação em veículos comerciais quanto no controle de movimentos de diversos tipos de meios de transporte, pela atuação das empresas Castertech, JOST Brasil, Master, Suspensys e Frasle Mobility.

A corporação também opera como montadora, por meio da Randon, uma das 10 maiores fabricantes de semirreboques do mundo. Além disso, a Randoncorp investe em serviços financeiros e digitais, por meio da Rands e de suas empresas vinculadas – Banco Randon, Randon Consórcios, Randon Seguros, RV, Conexo, DB e Addiante.

Também impulsiona pesquisas em materiais, nanotecnologia e eletromobilidade, e desenvolve soluções em automação de processos e robótica industrial, pela atuação de empresas como o Centro Tecnológico Randon (CTR), NIONE e Autom. A companhia ainda é apoiadora do Instituto Hercílio Randon – e atua na transformação social, com iniciativas realizadas pelo Instituto Elisabetha Randon.

A Randoncorp é signatária do Pacto Global da ONU e tem como estratégia a manutenção de um modelo de negócios diversificado e robusto, apostando em sinergias entre suas unidades como mecanismo para construir o amanhã com sustentabilidade.

ALEX BATTISTEL



USINA FOTOVOLTAICA NO CENTRO TECNOLÓGICO RANDON, EM FARROUPILHA - RS

Comprometimento com ESG

Para reforçar a agenda ESG, em 2021, a Randoncorp apresentou uma série de compromissos públicos por meio da sua Ambição ESG – e continua comprometida, trabalhando fortemente para duplicar o número de mulheres em cargos de liderança até 2025.

Também implementa ações para zerar acidentes graves, reduzir 40% da emissão de gases de efeito estufa até 2030, zerar a disposição de resíduos em aterro industrial, reutilizar 100% do efluente tratado até 2025 e ampliar a receita líquida anual gerada por novos produtos.

Essa jornada de compromissos com a sustentabilidade está distribuída em três pilares: Planeta, Pessoas e Negócios.

Nesse sentido, dentre os projetos existentes, se destaca o Caldeira Verde, da Frasle Mobility, unidade referência em inovação da Randoncorp, que substitui gás natural por biomassa. O projeto, de R$ 17 milhões, reduzirá em 20% a emissão de gases de efeito estufa, o que representa o atingimento de 50% da meta estipulada nos compromissos ESG.

Além disso, para expandir o conceito de economia circular nas diferentes etapas da operação, a empresa busca otimizar a utilização de matéria-prima no processo, desenvolver produtos com maior vida útil, além de investir em estratégias de reciclagem e reutilização de resíduos.

Recentemente, a empresa apresentou seu Relatório de Sustentabilidade de 2023. O documento, que pode ser acessado no site oficial da companhia, compartilha resultados, desafios, iniciativas e os principais destaques nas áreas ambiental, social, operacional e financeira.

A Randoncorp acredita que o futuro não é fronteira, é oportunidade de construir um amanhã melhor, ainda mais ético, inovador e próspero para todas as pessoas.

CONTEÚDO DE MARCA //

RBS Brand Studio

COM AÇÕES DE SOCORRO HUMANITÁRIO, A LOJAS RENNER S.A. APOIOU MAIS DE 100 MIL PESSOAS NO RIO GRANDE DO SUL, OFERECENDO DOAÇÕES. O FOCO AGORA É NA RECONSTRUÇÃO DA ECONOMIA GAÚCHA

LOJAS RENNER / DIVULGAÇÃO

Lojas Renner prevê investir R$ 50 milhões para apoiar vítimas da enchente

Iniciativas da companhia e do Instituto Lojas Renner, juntamente com seus parceiros, já ajudaram mais de 100 mil pessoas

Engajada em ações de socorro humanitário desde o início da maior tragédia climática do Rio Grande do Sul, em maio, a Lojas Renner S.A. já beneficiou mais de 100 mil pessoas e prevê investimento total em torno de R$ 50 milhões na soma de todas as ações para apoiar as vítimas da enchente. O valor corresponde às iniciativas da própria varejista e do seu pilar de ação social, o Instituto Lojas Renner (ILR), de colaboradores e de parceiros, e inclui ações de voluntariado, doações em dinheiro, alimentos, roupas e produtos de higiene e limpeza, além de investimentos voltados para a reconstrução do Estado.

"A Lojas Renner nasceu no Rio Grande do Sul, tem sua sede em Porto Alegre, e mantém um vínculo muito forte com os gaúchos. Desde o início da tragédia demos suporte a todos nossos colaboradores, parceiros e à comunidade, como fizemos em muitas outras situações de grande impacto para a sociedade, apoiando sempre que necessário.", explica o CEO Fabio Faccio.

Para a retomada da economia gaúcha, a companhia segue mobilizada em colaborar com a corrente de solidariedade que se formou. A Renner foi a primeira empresa a aderir ao fundo "Reconstrói RS", do Instituto Ling, com aporte de R$ 15 milhões para financiar obras em conjunto com as comunidades locais. Também ofereceu suporte aos fornecedores atingidos, facilitando negociações.

Recentemente lançou a coleção Todos Unidos pelo RS para levantar R$ 400 mil para mulheres em situação de vulnerabilidade social. Fornecedores parceiros produziram as peças sem custos, a varejista repassará 100% da receita das vendas e o Instituto Lojas Renner dobrará o valor arrecadado. As peças estão disponíveis no e-commerce da Renner. Além disso, o ILR está desenvolvendo um plano de R$ 2 milhões em auxílio e capacitação para micro e pequenos negócios de moda liderados por mulheres.

LOJAS RENNER S.A.

RENNER CAMICADO YOUCOM realize ASHUA repassa

AÇÕES EMERGENCIAIS

COLABORADORES – Diante da tragédia provocada pela enchente, a companhia atuou de forma ativa em ações emergenciais. Embora não tenha sofrido impacto em suas instalações, a companhia fechou algumas lojas temporariamente para garantir segurança aos colaboradores. Em seguida iniciou uma grande operação de apoio, com acompanhamento diário da situação de cada um deles, liberação e flexibilização do trabalho. Foram adotadas medidas como suporte psicológico gratuito, antecipação de férias e 13º salário e a criação de um fundo para socorrer quem sofreu perdas relevantes, com aporte inicial e mais um depósito emergencial da empresa para as pessoas em situação crítica. Quem foi para abrigos teve seus pets acolhidos e pôde se hospedar em hotéis, sem custos para os beneficiados.

COMUNIDADES – Logo nos primeiros dias a Lojas Renner financiou o aluguel de barcos que fizeram mais de 1 mil resgates na região metropolitana de Porto Alegre, distribuiu quase 200 mil roupas e calçados e desenvolveu peças plus size de inverno da marca Ashua para doação. Entregou ainda 117 mil litros de água, 52 mil itens de higiene, 38 toneladas de alimentos e 28 mil roupas de cama e banho. Fornecedores e colaboradores já doaram mais de R$ 700 mil para apoiar as regiões afetadas, com igual contrapartida do ILR.